

**As Relações de Poder na memória da  
Favela Vila Operária em Duque de Caxias no Rio de Janeiro  
(1964-1985)**

**DENIZE RAMOS FERREIRA  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Mestranda**

Este projeto surgiu quando fui ministrar aula na Escola Estadual Vinicius de Moraes para um grupo de vinte e seis crianças que não tinham noção de pertencimento à Favela Vila Operária, no município de Duque de Caxias no Rio de Janeiro, onde a escola está localizada.

Duque de Caxias é um Município do Estado do Rio de Janeiro, situado na Baixada Fluminense.

Minha história começou no ano de 2002, quando solicitei à Secretaria Estadual de Educação uma GLP (Gratificação por lotação prioritária), na verdade aumentar a minha carga-horária como professora da escola do estado, sem fazer novo concurso. No dia marcado, fui escolher a escola, porém as ditas melhores, em bairros bem localizados, já não possuíam vaga. Havia sobrado escolas no interior do município e uma na Favela Vila Operária sendo orientada pela secretária evitar esta última por ser área de risco. Solicitei a vaga porque sempre considerei que a população mais carente é a que requer maior atenção por parte da sociedade. Mas também tenho consciência de que os educadores não são preparados para lidar com a vulnerabilidade social a que este grupo social está submetido.

Nunca havia entrado nesta favela, pois era quase um local inviolável, impenetrável, pois lá era uma área de controle da facção Comando Vermelho. Eis que se abria a possibilidade de entrar e desvendar este universo.

Com o decorrer das aulas percebi que os alunos detestavam a Vila Operária, diziam que não gostavam de morar naquela favela, que eram motivo de chacota e discriminação, que eram considerados favelados por muitos e olhados como potenciais marginais por todos. Se eu era professora de História, por que então não buscar a história que eles não conheciam? Nenhum deles sabia da origem da Vila

Operária, quando começou a ocupação, quem foram os primeiros moradores, porque foram parar ali.

Comecei com o trabalho de orientação para a pesquisa de campo. Resolvi que elaboraríamos questionários para descobrirmos detalhes deste lugar. Em semanas intercaladas, a aula era andar na favela em grupo e fazer entrevista. Voltavam felizes para a escola por descobrir que havia algo a mais do que bandidos no local. Em outra aula, conversávamos sobre o que descobriram.

Paralelamente ao trabalho dos alunos, eu ia visitar famílias recomendadas por diferentes pessoas a fim de identificar algo que não era passado para as crianças ou que seu olhar de pesquisador iniciante, não permitia descobrir.

Comecei a pesquisa criando uma metodologia com objetivo pedagógico, sem relação com a História Oral. Era uma atividade exploratória.

Em 2004, cheguei a uma senhora que me fora indicada por sua filha, minha ex-aluna do Ensino Médio, da Escola Estadual Vinicius de Moraes, nesta favela, Ivete de Assis Santos, uma das moradoras mais antigas e que conhecia várias histórias da Vila Operária, desde sua fundação até aquele momento. Eu marquei uma conversa com ela. Já que ainda não utilizava a método de história oral.

Em um desses encontros, perguntei se a Vila Operária havia sofrido algum tipo de repressão por parte da polícia, uma vez que eu soube da entrada do Comando Vermelho na localidade em torno da década de 1980. Ela disse que não. Então voltei a perguntar se a polícia nunca havia estado lá perseguindo alguém. Novamente me disse que não, mas que o marido, estivador do cais do Porto do Rio de Janeiro havia alertado para que ela não se envolvesse com determinadas pessoas na Vila Operária. A frase que ouvi foi: “Nega, não te mete com essa gente não”. Questionei que “gente” era essa. Respondeu-me que seriam pessoas não prestavam, envolvidas com” coisas erradas”.

Em um outro encontro gravado, quando perguntada por que o marido havia dito que ela não deveria “se meter com essa gente”, ela respondeu: “Não... porque aqui, diziam, sempre teve uns pobrema (sic) de contraventor (...). Então cheguei pra ele e disse, ó, nun quero sabê da vida de ninguém. Quero viver minha vida, trabalhar. Ele<sup>1</sup> então apertou minha mão”.

---

<sup>1</sup> Demisthocles Batista, conhecido como Batistinha, nasceu em 18 de outubro de 1925. Sindicalista, formado em Direito, em 1954 foi líder das greves após o suicídio de Vargas. Membro fundador do Pacto da Unidade e Ação (PUA), também deputado pelo PTB; cassado em 1964, residiu no Uruguai e

Isto me chamou a atenção: O Partido Comunista esteve atuando na Vila Operária, através de um de seus militantes? Que local era esse? O que possuía para atrair Batistinha? Abriu-se uma nova perspectiva. Conduzi os alunos ao término do trabalho sobre sua história, e um novo trabalho começou para mim, o acadêmico. Esta relação de poder entre a favela e os partidos políticos suscitou uma busca por respostas. Ao começar esta pesquisa, descobri que não haviam documentos escritos sobre esta relação que eu havia identificado. Fui buscar a metodologia de História Oral para trazer da memória desta favela as respostas às minhas questões.

Identificamos na favela Vila Operária, pelos relatos orais, a presença da ARENA, partido político que apoiava a Ditadura Civil-Militar, o MDB e PCB, que atuavam contra esta.

Em 19 de julho de 1971, foi indicado o primeiro interventor pela Ditadura Militar o General Carlos Marciano de Medeiros, permanecendo até 1975. Desde então, outros interventores governaram a cidade como Hydekel de Freitas Lima, civil, filiado a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) foi o último interventor nomeado pela Ditadura Civil-Militar, permanecendo de 13/05/1982 a 31/12/1984.

Duque de Caxias foi decretada Área de Segurança Nacional pelo regime militar, em 1971, não ocorrendo mais eleições para prefeito que seria designado pelo Governador, com a aprovação do Presidente da República. O motivo que estimulou esta mudança foi a PETROBRAS (REDUC – Refinaria Duque de Caxias) e uma rodovia interestadual, a Rio - Petrópolis ou Rodovia Washington Luis.

Era uma favela na Baixada Fluminense, área de periferia, conhecida como Cidade Dormitório, com movimento pendular realizado pela maioria da população diariamente, uma vez que o emprego é escasso na região; uma área com grande carência de saneamento (tanto a cidade como a favela), uma área de ocupação irregular, apesar de contar com o apoio do governo eleito pelo povo, como no caso o governo de Joaquim Tenório Cavalcanti (1963-1967) do partido político UDN (União Democrática Nacional) e até de um civil que apoiava os militares.

---

retornou ao Brasil em 1966, vivendo clandestinamente em São Paulo. Sendo preso em 1971 e beneficiado pela anistia em 1979. Em 1986 foi eleito senador pelo Estado do Rio de Janeiro. Morrendo em 1993 assassinado.

A máquina político-partidária identifica na favela uma área forte de atuação, por ser habitada por operários, o que tornaria a região interessante para o processo eleitoral.

Baseamo-nos na citação da Eli Diniz do ensaio de Merton<sup>2</sup> sobre as funções latentes desta máquina política. Para Merton a despeito de suas origens históricas particulares, a máquina política adquire estabilidade e persistência conforme vai se tornando apta a favorecer os interesses específicos de diferentes segmentos da população urbana, atendendo às necessidades que, permaneceriam relegadas ao segundo plano, se assim não fosse.

Pareceu-nos, com o decorrer desta pesquisa, que a favela Vila Operária, utilizou-se em diversos momentos desta máquina política para obter as melhorias de que necessitava para a sua localidade. Fossem elas recebidas pelas mãos de um prefeito eleito pelo povo, por um prefeito ligado à Ditadura Civil-Militar, ou até mesmo pelo Partido Comunista Brasileiro, que na figura do presidente da Associação de Moradores da Vila Operária em 1985, negociava com o governo militar de João Baptista Figueiredo material de construção para ampliação da favela ou melhorias nas casas já existentes, como nos narra Davino da Rocha, militante do PCB em entrevista que nos foi concedida

Janice Perlman<sup>3</sup> reforçou esta teoria, quando analisou o envolvimento político do favelado chegando à conclusão de que se poderia argüir teoricamente que é participante dentro da favela, porém marginal no contexto mais amplo da política exterior a ela. A preocupação dele é a questão imediata como a comida, a falta de água, o telhado da casa, a luz, a escola para o filho. A política só teria relevância na proporção em que lhes interessasse diretamente a vida.

Durante os anos 1964-1985, identificamos uma maior atuação dos partidos nas regiões operárias tanto na capital como na Baixada Fluminense. Para o Partido Comunista Brasileiro, neste período, os operários viviam em grande descontentamento com a política trabalhista que não melhorava a sua condição de vida, o que ocasionou um aumento do contingente de subempregados e desempregados. Como consequência

---

<sup>2</sup> MERTON, Robert K. - *Elements de Théorie et de Méthode Sociologique*. Paris, Librairie, Plon, 1965, pp126,139

<sup>3</sup> PERLMAN, Janice. *O Mito da Marginalidade*. Favelas e Política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p206

muitos trabalhadores nos morros do Rio de Janeiro passaram a apoiar a esquerda, neste caso especificamente o PCB.

Mas também vemos a inserção da ARENA na Vila Operária, a partir de uma grande proximidade do presidente da primeira Associação de Moradores<sup>4</sup>, José de Jesus, com a Prefeitura e a Câmara Municipal de Duque de Caxias, principalmente com Tenório Cavalcante, pois este apoiava a criação de um Parque Proletário no bairro Parque Felicidade (bairro no qual está localizada a favela), evitando a continuidade da *favelização* que já se apresentava de maneira sutil. Esta proximidade deveu-se, segundo relato da filha Jane de Jesus, ao fato do pai ser da Maçonaria e ter participação política na cidade.

A partir da comparação do relato oral de Ivete Assis Santos e alguns moradores que participaram da primeira Associação de Moradores criada em 1959 e da sua nova fase, sob a direção de Davino da Rocha, militante do PCB, entre 1980 e 1985 pretendemos analisar a memória<sup>5</sup> e política na localidade sobre a atuação dos partidos políticos identificados na Vila Operária durante a “Ditadura Civil- Militar” (1964-1985).

Utilizamos como metodologia de pesquisa a História Oral<sup>6</sup> em virtude de não encontramos documentos formais sobre a atuação do PCB na Vila Operária em Duque de Caxias entre 1964 e 1985. Utilizamos-nos da entrevista temática<sup>7</sup> porque nos interessa

---

<sup>4</sup> Esta Associação surgiu com o nome de Centro Pró-Melhoramento do Parque Felicidade em 12 de janeiro de 1959, na própria Vila Operária, que está localizada no Bairro Parque Felicidade, onde morava o Sr. José de Jesus, fundador desta associação.

<sup>5</sup> Sobre memória observemos que: “*A relação entre história e memória coletiva assume, neste contexto, um papel que pode revelar-se absolutamente central, uma vez que, seguindo a perspectiva de Maurice Halbwachs, é justamente neste campo da memória que é possível traçar um elo de continuidade entre o passado e o presente, podendo acentuar uma dimensão de autonomia atribuível ao indivíduo, à comunidade ou à nação, e construir novas formas de legitimidade política.*” (Bebiano, 2006:7). Esta “*memória coletiva é a que fica do passado na vivência dos grupos ou aquilo que os grupos fazem do passado*”, (Nora. Memória Coletiva: 20 ,379, 508).

<sup>6</sup> Utilizamos como metodologia para a obtenção dos dados sobre a *memória subterrânea* da Vila Operária, a História Oral, tendo como base os estudos da pesquisadora Marieta de Moraes Ferreira e Maria Celina D’Araújo (Cpdoc/FGV). Segundo Marieta de Moraes Ferreira (2006: 8), “*os historiadores tem como dever de ofício estabelecer diferenças entre a memória e a história, entre a história vivida e a história como operação intelectual (...). Desta forma devem enfrentar o desafio de deslindar os mecanismos de construção das memórias, de captar seus conflitos, de compreender o que é selecionado para ser lembrado e o que é relegado ao esquecimento*”.

<sup>7</sup>Entrevista temática é aquela que versa prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, tendo como eixo a biografia do entrevistado, sua vivência e sua experiência. ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2005

a participação deste grupo de entrevistados no tema e a sua relação com o governo, na gestão de José de Jesus, aliado da UDN (União democrática Nacional) antes da Ditadura Civil-Militar, e da ARENA (Aliança Renovadora Nacional) durante este período e na gestão de Davino da Rocha, fundador da segunda associação de moradores, na década de 80, militante do PCB (Partido Comunista Brasileiro), ex-diretor da FAMERJ (Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro) e ex-representante do MUB (Movimento de União dos Bairros) de Duque de Caxias.

Nos relatos orais e na atuação dos presidentes da associação de moradores da Vila Operária, a ação social clientelista ficou mais evidente, em razão do apoio da máquina político-partidária, enquanto que a divulgação dos ideais da esquerda por intermédio do PCB entrou no que chamamos de *memória subterrânea*, escondido somente na memória dos moradores.

O uso da História Oral, por conseguinte nos permite “*dar a palavra às pessoas ordinárias*” (Gide, 1994:26), aos ‘*esquecidos da história*’, aos que não tiveram “*capacidade, nem tempo, nem vontade de escrever*” (Becker, 1996: 28-9), ou que “*não têm o hábito da escrita*” (Chaves, 1998). As pessoas comuns de uma favela que estavam e estão em estado de *vulnerabilidade social*<sup>8</sup>, mas que ao mesmo tempo, foram capazes de intervir em um governo que representava a força do Estado militarista repressor, a tal ponto que o prefeito indicado pelos militares que estavam no poder cedeu às pressões da Associação dos Moradores, concedendo benefícios.

Segundo o próprio Davino da Rocha no relato oral, o Ministério do Planejamento, na atual Avenida Presidente Antonio Carlos, no centro da capital do Rio de Janeiro, mediante um documento produzido em assembléia na reunião da associação, concedeu cimento, areia e tijolos para ampliação, reforma ou construção de novas casas

---

<sup>8</sup> Podemos definir *vulnerabilidade social*, como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores (Vignoli, 2001; Filgueira, 2001). Estranha essa definição de vulnerabilidade, pois parece lógico que esta deve ser independente da “disponibilidade de recursos materiais e simbólicos”. A vulnerabilidade talvez deva ser considerada como uma exclusão ou inclusão excludente, ou, nas palavras de Castel e/ou Sarah Escobar, desvinculação, mesmo para aqueles que possuem recursos materiais e simbólicos, em alguns casos, sendo que os que não os possuem, acordo com a lógica de um “mercado de trocas materiais e simbólicas” estariam mais vulneráveis. Tal vulnerabilidade decorreria não apenas nem, sobretudo em da falta de um “capital” material ou “simbólico”, mas ausência de um Estado do Bem-Estar Social nas sociedades contemporâneas, dando origem ao que Castel denominou de “nova questão social”. Sobre isso, ver Castel “As Metamorfoses da Questão Social”. Petrópolis, Vozes, e o texto da Escobar lido pelo grupo.

de alvenaria na favela. Citou em seu depoimento que o governo era de João Baptista Figueiredo<sup>9</sup> e que sempre os fiscais iam à localidade verificar se as obras estavam em andamento e se tudo corria conforme o combinado.<sup>10</sup>

Ao conhecermos os relatos de lideranças e moradores desta favela, por intermédio de relatos orais estamos tornando historicamente visível as múltiplas formas pelas quais este grupo e sujeitos, em seus comportamentos, práticas e discursos, lidaram com o poder no momento de mudança política no Brasil com a implantação da Ditadura Civil-Militar. Partindo de tais idéias, pretendemos responder: Como a *memória coletiva*, foi estruturada na Vila Operária? Qual é o papel do clientelismo neste fato?

Para responder a estas questões buscamos a História política e social da Vila Operária adormecida na *memória subterrânea* dos moradores através da comparação do relato oral de um grupo moradores mais antigos, ex-integrantes da associação de moradores com a do militante do Partido Comunista. Pretendemos explicar, a partir destes relatos, a importância ou o repúdio ao PCB por parte destes moradores, já que era a Associação de Moradores que estabelecia o elo com o Estado. De maneira preliminar, observamos tipos de negociação direta ou indireta que foram realizados entre a associação de moradores e os grupos políticos locais.

Observamos a construção de uma memória subterrânea na Vila Operária, em relação à presença dos comunistas, uma vez que nos depoimentos explicitamente ninguém se referia à presença de pessoas filiadas ao Partido Comunista dentro da Associação de Moradores ou no local.

Utilizamos os estudos de Michael Pollak sobre a construção da identidade social e da memória coletiva.<sup>11</sup>, Neste caso acreditamos que a favela da Vila Operária, durante o regime militar, desenvolveu um processo de “enquadramento da memória” (Pollak, 1989:5-6).

---

<sup>9</sup> No período do governo do General João Figueiredo, em 1979, se criou o Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano, cabendo a este as atribuições do antigo CNPU, com o objetivo de reforma tributária atingindo basicamente a propriedade imobiliária urbana, reduzindo vantagens oferecidas pela terra como valor de reserva e gerando recursos para as prefeituras. A ação do governo federal por meio do CNDU era realizar o fenômeno urbano, isto é, conduzir o desenvolvimento de modo integrado, promovendo uma ‘política urbana’ fundamentada no crescimento e transformação social. (Ministério do Interior – CNDU – Resoluções do CNDU: 1979/1981. Brasília, 1982)

<sup>10</sup> Entrevista concedida por Davino da Rocha, na favela Vila Operária em 1º de maio de 2010.

<sup>11</sup> Trataremos estes dois conceitos teóricos metodológicos por intermédio do autor Michael Pollak, nas obras: *Memória e identidade social*. In: **Estudos Históricos**. Vol. 10. FGV, 1992; e “Memória, Esquecimento e Silêncio”: In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, volume 2, nº3, 1989, pp. 10-11.

A relação com o PCB poderia provocar para os moradores da favela consequências imprevisíveis. Uma seria a perseguição política como nos contou Ivete Assis Santos (moradora da Favela Vila Operária desde 1954, sendo da Associação de Moradores junto com Davino da Rocha) em seu depoimento mais recente<sup>12</sup>. Ela nos disse que dois tios que eram estivadores do Cais do Porto do Rio de Janeiro foram presos por serem do PCB e atuantes no Sindicato dos Estivadores. Ela não consegue lembrar o nome de nenhum dos dois. Só lembra que a família recuperou o corpo de um dos parentes militantes. O outro está desaparecido até hoje. Durante a narração do fato, ela chorava compulsivamente. Ofereci-me para pesquisar sobre eles nos arquivos do DOPS, mas ela não aceitou.

Pierre Nora nos diz que *“a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”*, (Nora, 1993:7-28) por isso o choro de nossa entrevistada. Ela reviveu a tortura. Como esta perda deu-se por causa de uma possível associação com o PCB pelo seus tios, ela considera que o Partido Comunista deve ser mantido distante.

Ponderamos em nossas análises que, para ela, os ideais do PCB, estariam associados, por causa do acontecido com seus parentes e as palavras de seu marido, a um contexto de repressão. Portanto ela desenvolveu um caminho para a sua memória, a *“memória de grupo oprimido, a memória vencida, exilada ou clandestina”* (Bebiano, 2006:7). Um caminho bastante parecido com Davino que vencido, busca uma explicação de fundo religioso para sua derrota: ele é ateu. Em sua entrevista atribuiu o enfraquecimento do PCB na favela a dois motivos fortes. Um por se manter distante de Deus, na visão dos moradores. Se era ateu, não o consideravam uma boa pessoa, confiável, portanto deveriam manter relativa distância dele. O outro motivo foi o fato de tentar forçar o morador a lutar pelos seus direitos e não aceitar favores. Na entrevista (transcrita em anexo), ele nos afirma que é necessário ensinar o povo a lutar pelo que precisa e não aceitar favores. O que não caracteriza a Vila Operária como vimos em nossa pesquisa.

A memória é constituída por pessoas, sendo um fenômeno construído de forma coletiva e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. Dentro deste contexto, o PCB atuava dentro da Vila Operária como organizador de uma estrutura de

---

<sup>12</sup> 1º de maio de 2010

resistência à Ditadura Militar, habitando ou com visitas periódicas na Associação dos Moradores,

*“depois de 64 os membros do Partido Comunista perceberam que não podiam atuar no asfalto e correram para a favela. Eles infiltraram pessoas nos morros e fizeram contato com as principais lideranças. Na hora do aperto eles pediam ajuda para abrigar algumas pessoas. A Igreja fazia isso também”*

conta Lúcio Bispo, que foi presidente da Associação de Moradores do Chapéu Mangueira e militante do PCB (Partido Comunista Brasileiro) companheiro de Abdias José dos Santos, presidente do Conselho Deliberativo da Associação de Favelas do Estado da Guanabara (Fafeg).<sup>13</sup>

Procuramos identificar os aspectos centrais da construção da memória da Favela Vila Operária, em relação à presença dos comunistas. A partir das informações do livro Batistinha – o combatente dos trilhos, coordenado por Betânia Gonçalves Figueiredo, vimos que o reduto eleitoral mais importante do PCB era Duque de Caxias, pela grande quantidade de trabalhadores que habitavam a região e faziam o movimento pendular além de ser uma cidade cortada por ferrovia. O sindicato dos ferroviários, rodoviários e outros eram muito fortes nesta cidade.

Utilizamos inicialmente como metodologia para a obtenção dos dados sobre a memória da Vila Operária uma pesquisa exploratória informal, já que nosso objetivo era conhecer a história de vida dessas pessoas perdida no tempo.

#### O PCB tinha como estratégia

*“transformar as massas trabalhadoras em sujeitos de sua própria história, procurando afirmar a hegemonia política do operariado e a construção do Bloco Histórico de forças sociais que conduzirá a revolução socialista. Os militantes comunistas, surgidos nas lutas populares contra as desigualdades sociais, transformam-se em quadros da revolução através das lutas políticas, da participação na organização partidária e do estudo teórico. São as massas que fazem a revolução, no sentido mais amplo da superação do capitalismo pelo socialismo. e não propriamente o partido. Mas a revolução não acontecerá sem um partido revolucionário a liderá-la o que pode se der em conjunto com outras forças e organizações políticas revolucionárias que configurem o Bloco Histórico.”<sup>14</sup>*

---

13 Monteiro, Marcelo. Esperança Vermelha. Rio de Janeiro. 11/06/2004. Disponível em: [www.favelatemmemoria.com.br](http://www.favelatemmemoria.com.br)

14 História, resoluções e estatuto do PCB. [www.pcb.org.br](http://www.pcb.org.br). Acesso em 20 de abril de 2010.

Segundo o Jornal A Voz da Unidade, publicado pelo PCB, na década de 80 e 90, não há um projeto específico para favela elaborado pelo partido. Há um projeto, como citado anteriormente, para a massa trabalhadora. Onde estiver esta massa, o PCB procurará estar para promover a conscientização e poder chegar ao poder.

Davino da Rocha, em seu relato, disse-nos que uma grande dificuldade enfrentada por ele na localidade era fazer os moradores não ficar esperando pelos benefícios do Estado.

A Vila Operária começou como uma área de ocupação desordenada, mas pela presença da prefeitura, governo de estado e governo federal, recebeu urbanização. Davino da Rocha disse que desde o final dos anos 70, a favela tem luz em cada casa. Durante os anos 80, adquiriu serviços mais ou menos precários de água e esgoto, resultado de mutirões. Identificamos que nesta localidade até 1979, não havia a presença do crime organizado.

Em 1979, chegou à Vila Operária o “Cabeleira”, traficante, vindo do morro da Formiga, no bairro da Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro, para ocupar a localidade em nome do Comando Vermelho. Não houve conflito, pois não havia ali nenhum grupo desta natureza. Vários moradores contaram que depois da chegada de “Cabeleira” o próprio Comando Vermelho colaborava com as obras de urbanização retirando manilhas das obras da prefeitura, cimento e tijolo dos arredores.

Cada favela é constituída por um determinado parâmetro. Não podemos afirmar que todas as favelas são iguais. Existem semelhanças mas diferenças que criam identidades locais, como no caso da Favela do Lixão, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, que tem um grupo de Folia de Reis, mantido por moradores idosos, que se apresenta sempre em janeiro pelas ruas da cidade e participa de competições nacionais de Folia de Reis. Já na Vila Operária, na mesma cidade, identificamos como característica cultural o funk e o grafite.

Podemos identificar que na Vila Operária, sua transformação em favela começa no fim da década de 70, quando através de relatos orais, sabemos que os “puxadinhos” começaram a ser feitos com muita frequência. Parentes começaram a chegar, buscando emprego na área urbana e acabavam fazendo um cômodo na parte de trás da casa ou em cima dela. As próprias famílias foram puxando cômodos para que os filhos com as esposas ou maridos habitassem. D. Ivete Assis, nos contou que ela própria

aumentou a casa para ajudar ao filho separado, depois a filha que ia casar. Como não há investimento do Estado, as próprias famílias fazem as obras. A pauperização destes grupos sociais, colabora com o processo de favelização. Não há nenhum projeto de ocupação. Ele é feito por necessidade. Esta área que é nosso objeto de estudo pertence a uma família que ainda briga na justiça pela posse desta terra. Família Shenak Xadrick. A relevância social deste trabalho é a possibilidade de comprovarmos como os favelados servem ao sistema capitalista, mas cremos que o mais relevante é demonstrar como interagem com ele. Quebrar o mito da passividade política deste grupo. Acreditamos que se utilizam da máquina política com consciência e não são meras marionetes. A identificação do clientelismo na Vila Operária, nos ajudará na explicação desta relação entre o Estado, o partido político e o favelado.

Perlman, comenta sobre os favelados:

*“(...) como pedem tão pouco politicamente, e se mostram tão dispostos a deixar a política nas mãos de profissionais, estão acostumados a justificar a exclusão política geral de todas as classes populares da sociedade. Ao mesmo tempo, porém, constituem um eleitorado simbólico para vários atores políticos, desde os conservadores que precisam jogar neles as culpas dos males da sociedade, até os radicais que se dizem seus porta-vozes, e que precisam deles para justificar as próprias ações”<sup>15</sup>*

A nosso ver, faltou dizer que usam tal processo de manipulação, mas por vontade própria, pois como o próprio Davino da Rocha nos diz, a pobreza os ajuda a obter os benefícios que precisam.

---

<sup>15</sup> PERLMAN, Janice. **O Mito da Marginalidade**. Favelas e Política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.p304

## **BIBLIOGRAFIA:**

### **1-Documentos orais da Vila Operária:**

Relato Oral 1, de D Ivete Santos, transcrito em maio de 2007; Relato Oral 2 de Cirley Bastos, transcrito em setembro de 2008; Relato Oral 3, de Iracema Lopes, transcrito em outubro de 2008; Relato Oral 4, Sr Davino da Rocha, transcrito em novembro de 2010.

### **2-Documentos orais do Partido Comunista Brasileiro:**

Entrevista com integrantes do PCB da cidade do Rio de Janeiro e de Duque de Caxias. (Em andamento)

### **3-Bibliografia Geral e Específica:**

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALVES, José Claudio Souza. **Dos Barões ao Extermínio: Uma História da Violência na Baixada Fluminense**. Duque de Caxias, RJ: Editora Associação de professores e Pesquisadores de História (CAPPH-CLIO), 2003.

ALVITO, Marcos e ZALUAR, Alba. **Um século de Favela. Dos Parques Proletários ao Favela Bairro**. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2006.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, Volume 1).

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade**. São Paulo. T.A Queiroz, 1983.

BRANDÃO, Gildo Marçal. **A Esquerda Positiva: as Duas Almas do Partido Comunista-1920/1964**. São Paulo: Hucitec, 1977.

CARONE, Edgard. **O PCB**. V.3(1964-1982). São Paulo: Difel, 1982.

CARVALHO, Eduardo Guimarães de. **O Negócio da Terra**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1991.

D'ARAUJO, Maria Celina (org). **Visões do Golpe – A Memória Militar de 1964**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

DINIZ, Eli. **Voto e Máquina Política – Patronagem e Clientelismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.

FERREIRA, Marieta & AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2000.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Orgs.) **Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GUIMARÃES, Valéria Lima. **O PCB cai no Samba-Os comunistas e a cultura popular (1945-1950)**. Arquivo Público do estado do Rio de Janeiro, 2009.

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice 1990.
- HUYSSSEN, Andreas. **Passados presentes: mídia, política, amnésia**. In: \_\_\_\_\_. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: \_\_\_\_\_. **Memória e História**. 3ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo, *Projeto História* - Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História. v. 10, 1993.
- ORLANDI, Eni P. **E vão surgindo os sentidos...** In: — (Org.) **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PERLMAN, Janice. **O Mito da Marginalidade. Favelas e Política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- POLLAK, Michael. "Memória, Esquecimento e Silêncio". In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, nº3, 1989.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Rio de Janeiro, *Estudos Históricos*, v.5, n.10, 1992.
- REMOND, René (org.). **Por Uma História Política**. Rio de Janeiro: EdUfrj –FGV, 2000.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A construção social da memória**. In: \_\_\_\_\_. **Memória coletiva & teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: \_\_\_\_ (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TORRES E MENEZES. **Sonegação Fome Saque**. Duque de Caxias. Edição do Consorcio de Administração de Edições, 1987.
- VALLA, Victor Vincent (Org.). **Educação e Favela Políticas para as favelas do Rio de Janeiro, 1940-1985**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.